

**POPULAÇÃO NEGRA DO
ESTADO DO ACRE E DA
CIDADE DE TARAUCÁ:
IDENTIDADE, HISTÓRIA,
CONTRIBUIÇÕES E
DESAFIOS
CONTEMPORÂNEOS**

**THE BLACK POPULATION OF THE STATE OF ACRE AND THE CITY OF
TARAUCÁ: IDENTITY, HISTORY, CONTRIBUTIONS, AND CONTEMPORARY
CHALLENGES**

Ciências Humanas · 01/06/2026

REGISTRO DOI: [10.70773/revistatopicos/780184197](https://doi.org/10.70773/revistatopicos/780184197)

Tayson Ribeiro Teles¹

Maria da Glória Tavares de Lima²

Antônio Jairo Lima da Silva³

Eldo Borges da Silva Neto⁴

RESUMO

Este artigo analisa a formação histórica, a identidade cultural, as contribuições sociais e os desafios contemporâneos enfrentados pela população negra no estado do Acre, com ênfase no município de Tarauacá. A partir de revisão bibliográfica, documental e estatística, o estudo examina os processos de migração, escravização, pós-abolição, territorialização e resistência que moldaram a presença negra na Amazônia Ocidental. Utilizam-se dados do IBGE, IPEA, Atlas do Desenvolvimento Humano, Acre em Números e pesquisas acadêmicas, além de reportagens recentes que evidenciam desigualdades raciais persistentes. O artigo incorpora reflexões de autores como Kabengele Munanga, Lélia Gonzalez, Alfredo Wagner Berno de Almeida e Teles (2017, 2019), destacando a importância da luta antirracista e da valorização da cultura afro-brasileira na região. Conclui-se que a população negra acreana desempenha papel fundamental na construção social, econômica e cultural do estado, embora ainda enfrente racismo estrutural, desigualdade socioeconômica e invisibilidade histórica.

Palavras-chave: População negra; Tarauacá-Acre; Racismo estrutural; História afro-amazônica; Identidades.

ABSTRACT

This article analyzes the historical development, cultural identity, social contributions, and contemporary challenges faced by the Black population in the state of Acre, with a focus on the municipality of Tarauacá. Drawing on a review of the literature, documents, and statistical data, the study examines the processes of migration, enslavement, post-abolition, territorialization, and resistance that have shaped the Black presence in the Western Amazon. Data from the IBGE, IPEA, the Human Development Atlas, Acre in Numbers, and academic research are utilized, along with

recent news reports highlighting persistent racial inequalities. The article incorporates reflections by authors such as Kabengele Munanga, Lélia Gonzalez, Alfredo Wagner Berno de Almeida, and Teles (2017; 2019), highlighting the importance of the anti-racist struggle and the appreciation of Afro-Brazilian culture in the region. It is concluded that the Black population of Acre plays a fundamental role in the social, economic, and cultural development of the state, although it still faces structural racism, socioeconomic inequality, and historical invisibility.

Keywords: Black population; Tarauacá-Acre; Structural racism; Afro-Amazonian history; Identities.

1. INTRODUÇÃO

“O mundo será racialmente justo e ético quando ninguém tiver sua cor, etnia ou outra condição enfatizada/RESSALTADA. Aquele ‘homem negro’. Aquele ‘indígena’. Aquele ‘deficiente’. Aquele ‘japonês’. Aquele ‘gordo’. Quantas vezes você ouviu ‘aquele homem branco’? As pessoas precisam ser chamadas pelos seus nomes e respeitadas. Apenas isso. Todo ser humano é igual na condição humana, pode e merece ser feliz”. TELES, Tayson (2026).

A história da população negra no estado do Acre é, por muito tempo, uma narrativa marcada por uma invisibilidade historiográfica sobre a presença de negros no começo da colonização local. Durante décadas, a historiografia oficial do estado focou-se nas figuras de heróis brancos e na narrativa épica da Revolução Acreana,

negligenciando a contribuição vital dos afro-brasileiros na formação demográfica, econômica e cultural da região. Hoje, graças a novas pesquisas e à autodeclaração fortalecida pelo Censo Demográfico de 2022, a população negra do Acre e do município de Tarauacá ressurgem como protagonistas de sua própria história. Diferente da narrativa que foca apenas no migrante nordestino branco, a formação social de Tarauacá possui uma forte matriz africana, fruto de uma diáspora que alcançou os seringais amazônicos.

Este artigo investiga as origens, as contribuições culturais e os persistentes desafios do racismo estrutural enfrentados pela população negra local. A população negra na Amazônia construiu "territórios negros" de resistência, muitas vezes em áreas de difícil acesso ou na periferia dos núcleos urbanos. Em Tarauacá, essa população contribuiu para a culinária, festas religiosas e para a própria base econômica da região. A história da população negra no Acre está intrinsecamente ligada aos ciclos econômicos da borracha, às migrações nordestinas, às relações de trabalho exploratórias e às dinâmicas de resistência cultural.

Embora o Acre não tenha sido um território de *plantation* escravista como o Nordeste ou o Sudeste, a presença negra se consolidou por meio de fluxos migratórios, deslocamentos forçados, fugas de escravizados, batalhões militares e trabalhadores que vieram para a região durante o auge da economia gomífera. A presença negra na Amazônia é antiga, profunda e invisibilizada pelas narrativas históricas tradicionais. No Acre, e particularmente no município de Tarauacá, a população negra desempenhou papel central na formação social, econômica e cultural da região, desde o período dos seringais até os dias atuais. Entretanto, essas trajetórias foram historicamente silenciadas. Essa invisibilidade de suas trajetórias e a

falta de estudos percucientes sobre suas dinâmicas sociais e culturais representam um problema relevante, para o qual este artigo tenta oferecer uma contribuição. Brasil, persiste o mito da "cordialidade", que mascara o racismo. Pesquisas indicam que 81% dos brasileiros percebem o racismo, mas poucos admitem ser preconceituosos. A população negra na Amazônia é invisibilizada, mas possui papel central na formação social do Acre. Em Tarauacá, como dito, essa presença está ligada à migração nordestina durante os ciclos da borracha, composta majoritariamente por trabalhadores pobres, muitos deles negros. O racismo foi a desculpa ideológica para o lucro através do trabalho forçado gratuito. Nos surtos da borracha os negros também foram explorados. Viver, trabalhar e estar preso à um seringal por vezes era um trabalho escravizante também. É urgente reconhecermos a necessidade de romper com essa invisibilidade histórica.

Este artigo investiga a presença, a história e as condições contemporâneas da população negra no estado do Acre, com ênfase no município de Tarauacá. Contrariando o mito da "Amazônia sem negros", o texto demonstra como migrantes afrodescendentes, trabalhadores da borracha, remanescentes de comunidades tradicionais e descendentes de escravizados contribuíram decisivamente para a formação social, econômica e cultural da região. A partir de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), da Secretaria de Estado de Planejamento do Acre (SEPLAN-AC), levantamentos recentes e notícias de jornal, analisa-se a desigualdade racial estrutural, as políticas de reparação, as manifestações culturais e os desafios em busca de visibilidade/valorização. O artigo reforça o necessário caráter antirracista que deve permear a pesquisa acadêmica no Acre e

propõe caminhos para o reconhecimento efetivo da história negra acreana. A narrativa dominante sobre o Acre frequentemente o retrata como terra de seringueiros nordestinos, indígenas e migrantes sulistas, apagando sistematicamente a presença negra. No entanto, a diáspora africana chegou à Amazônia Ocidental antes, durante e depois da abolição, moldando economias, religiosidades, saberes culinários e formas de organização comunitária. Em Tarauacá, a população negra é numericamente expressiva, mas historicamente invisibilizada nos censos, nos livros didáticos e nas políticas públicas.

Este artigo, fundamentado no Projeto de Pesquisa “Diversidade na Amazônia Sul-ocidental Brasileira-acreana: a história e o contexto atual dos povos indígenas e da população negra de/em Tarauacá-acre”, busca contribuir com essa lacuna, articulando dados oficiais, produção acadêmica e jornalismo investigativo para afirmar que a negritude é constitutiva da identidade acreana. O Censo do IBGE (2022) revela que pretos e pardos representam pouco mais de 70% da população do Acre, percentual superior à média nacional. Em Tarauacá, a autodeclaração negra e parda ultrapassa 73%, mas essa maioria demográfica não se traduz em equidade. Segundo o IPEA (2024), a renda média da população negra no Norte é 42% inferior à da população branca, e a taxa de desemprego entre jovens negros é 1,9 vezes maior. O Acre em Números (SEPLAN-AC, 2024) indica que, embora o estado tenha avançado na universalização do ensino fundamental, apenas 58% dos negros com 25 anos ou mais concluíram o ensino médio, contra 74% dos brancos. Na saúde, a mortalidade por causas evitáveis é 31% maior entre a população negra, reflexo de barreiras de acesso, racismo institucional e condições precárias de saneamento em bairros periféricos de todas as cidades do Acre, inclusive Tarauacá e Rio Branco (a capital).

Vejamos:

Figura 1: Notícia sobre População Negra do Acre⁵



04/11/2013 10h29 - Atualizado em 04/11/2013 10h29

No Acre, mais de 70% da população se reconhece como negra

Levantamento foi feito pelo IBGE.

Dia da Consciência Negra é comemorado neste mês.

Do G1 AC



No mercado de trabalho formal, dados do Instituto Ethos (2025) aplicados ao contexto regional mostram que menos de 22% dos cargos de liderança em empresas e órgãos públicos são ocupados por pessoas negras, apesar de serem maioria absoluta. A Agência Brasil (2024) reporta que 7 em cada 10 pessoas negras no Brasil já sofreram constrangimento racial, percentual que se mantém elevado no Norte, onde o racismo é frequentemente mascarado pelo mito da “cordialidade amazônica”. Apesar dessa forte presença demográfica, a população negra acreana enfrenta desigualdades estruturais profundas. Este artigo busca, portanto, reconstruir a história da população negra do Acre e de Tarauacá, valorizar suas contribuições e analisar criticamente os desafios contemporâneos enfrentados por essa comunidade.

2. A FORMAÇÃO HISTÓRICA DA POPULAÇÃO NEGRA NA AMAZÔNIA OCIDENTAL, NO ACRE EM TARAUCÁ

A presença negra no Acre remonta aos primórdios da ocupação não indígena da região. O próprio "descobrimento" do (chegada de estrangeiros ao) Rio Purus e o estabelecimento de contatos iniciais com os povos indígenas foram liderados por Manoel Urbano da Encarnação, um explorador negro e mestiço (Silva; Silva, 2025). No entanto, sua figura e a de outros negros que participaram ativamente da formação do estado foram frequentemente invisibilizadas ou branqueadas nas narrativas oficiais. Durante o Primeiro Ciclo da Borracha (1880-1920), milhares de nordestinos migraram para a Amazônia acreana fugindo da seca e em busca de trabalho nos seringais. Entre esses migrantes, que foram conhecidos pejorativamente como "arigós", havia uma expressiva parcela de afro-descendentes (Jornal GGN, 2014). Em Tarauacá, a fundação do Seringal Foz do Muru em 1899 e a posterior criação da Vila Seabra (que viria a se tornar o município de Tarauacá em 1913) foram impulsionadas por essa mão de obra nordestina, majoritariamente parda e preta (AC24H, 2013).

Os negros trabalharam como seringueiros, mateiros, agricultores e construtores. Na Revolução Acreana, combateram ao lado de Plácido de Castro, com figuras notáveis como o Capitão Ciríaco. No campo cultural, a doutrina do Santo Daime, uma religião de matriz amazônica com forte influência afro-brasileira, foi fundada por Raimundo Irineu Serra, um negro maranhense alto e imponente, neto de escravizados, que migrou para o Acre no início do século XX (UFBA, 2011). A presença negra no Acre remonta ao século XIX, com a migração de libertos e descendentes de escravizados do Nordeste e do Sudeste, atraídos pela demanda por mão de obra nos seringais. Muitos fugiam das estruturas escravocratas ou buscavam reconstruir suas vidas após 1888. Diferente do litoral, a Amazônia não desenvolveu grandes *plantations*, mas a exploração extrativista

reproduziu relações de trabalho coercitivas, endividamento e violência racial.

Com o tempo, formaram-se comunidades negras ribeirinhas/rurais e urbanas. Em Tarauacá, a ocupação negra se deu junto aos ciclos da borracha, do comércio fluvial e, posteriormente, da agricultura familiar e do serviço público. A ausência de titulação oficial de territórios quilombolas no estado não significa inexistência de comunidades tradicionais negras. Significa, sim, a negligência do Estado em reconhecer formas de territorialização distintas, baseadas em roças comunitárias, quintais produtivos e redes de solidariedade. Nos processos de receber migrantes nordestinos negros e incorporá-los como trabalhadores explorados nos seringais, o Acre desenvolveu formas próprias de territorialização. Esses grupos vivenciaram trabalho semi-escravo, endividamento compulsório, e exclusão social. Na dinâmica social em Tarauacá, a população negra local se constituiu em áreas urbanas periféricas, em comunidades rurais, em redes familiares ligadas ao extrativismo e sua identidade é marcada por resistência cultural, sincretismo religioso e forte tradição oral. A presença negra na Amazônia remonta ao período colonial, quando escravizados eram enviados para trabalhar em fortificações militares, na agricultura de subsistência, na mineração, em serviços domésticos e na navegação fluvial. Pesquisadores como Vicente Salles (1971, 2005, 2013) e Flávio Gomes (1997) demonstram que a Amazônia foi um importante destino de escravizados, especialmente no Pará e no Maranhão. Muitos desses indivíduos fugiram para o interior da floresta, formando “quilombos amazônicos”, conhecidos como mocambos, os quais nunca foram oficializados como quilombos juridicamente.

O Acre, incorporado ao Brasil apenas em 1903, recebeu grande fluxo de trabalhadores negros durante os ciclos da borracha (1870–1912 e 1942–1945). Esses trabalhadores vieram principalmente do Maranhão, do Piauí, do Ceará e do Pará. Muitos eram descendentes de escravizados libertos após 1888, que migraram em busca de trabalho, mas encontraram condições de exploração semelhantes à escravidão. O sistema de aviamento nos seringais, um mecanismo de endividamento perpétuo, submetia seringueiros negros e indígenas a jornadas exaustivas, violência física e controle territorial por parte dos patrões. Tarauacá, “fundada” (como cidade) oficialmente em 1907, tornou-se um dos principais centros seringalistas do Acre. A região recebeu grande número de trabalhadores negros, que se estabeleceram às margens dos rios Tarauacá, Muru e Gregório, em seringais como Tauari, Gregório, Muru, Novo Destino e Envira, em comunidades rurais e ribeirinhas. Esses grupos formaram famílias com indígenas e migrantes nordestinos, dando origem a uma população marcada pela diversidade étnica. A historiografia local ainda é escassa, mas relatos orais e registros de viajantes indicam que famílias negras desempenharam papéis fundamentais na economia gomífera, na agricultura, na pesca e na formação das primeiras comunidades urbanas. A identidade negra no Acre é marcada por miscigenação com povos indígenas, influência cultural nordestina, práticas religiosas afro-brasileiras, tradições orais e resistência ao racismo. Kabengele Munanga (2004) afirma que a identidade negra no Brasil é resultado de processos históricos de resistência e reconstrução cultural diante da violência colonial. No Acre, essa identidade assume características próprias, combinando elementos afro-brasileiros, indígenas e amazônicos.

A população negra acreana contribuiu para a criação e organização de festas populares, de uma culinária regional, de música e dança locais, o fortalecimento da religiosidade afro-brasileira e a expansão das tradições de cura e benzimento. Em Tarauacá, práticas como rezas tradicionais, uso de ervas medicinais, celebrações comunitárias e culinária baseada em mandioca, peixe e carne de caça revelam a presença de elementos culturais afro-amazônicos. Malgrado tudo isso, a população negra do Acre sempre foi tornada invisível e teve sua existência praticamente nulificada. A invisibilidade da população negra no Acre é resultado de uma ausência de políticas de memória, falta de pesquisas acadêmicas densas sobre o tema, racismo institucional dos sucessivos governos locais e nacionais e pelo mito de uma “harmonia racial” em solo amazônico. Lélia Gonzalez (1988) afirma que o Brasil construiu uma “democracia racial” fictícia, que mascara desigualdades profundas, realidade evidente também no Acre.

3. DADOS SOCIOECONÔMICOS DA POPULAÇÃO NEGRA NO ACRE E EM TARAUCÁ

Os dados do Censo Demográfico de 2022 do IBGE (Agência de Notícia do Acre, 2024) revelam uma mudança significativa na autodeclaração racial no Acre. A população que se declara preta teve um salto impressionante de 67,1% em 12 anos, passando de 42.531 em 2010 para 71.086 pessoas em 2022. Esse aumento reflete não apenas o crescimento demográfico, mas um fortalecimento da identidade negra e do orgulho racial. Atualmente, a composição racial do Acre é majoritariamente negra (pretos e pardos). Segundo o IBGE, 66,3% da população acreana se autodeclara parda e 8,6% preta, totalizando mais de 70% de afrodescendentes. Em Tarauacá, a

realidade demográfica espelha a média estadual. O município, que possui 43.467 habitantes, apresenta a seguinte distribuição racial:

Tabela 1: População residente por cor ou raça em Tarauacá

Cor/Raça	População	Percentual (%)
Parda	28.419	65,4%
Branca	8.268	19,0%
Preta	3.390	7,8%
Indígena	3.330	7,7%
Amarela	58	0,1%

Fonte: IBGE, Censo 2022.

A população de Tarauacá e do Acre todo sempre lutou pelo reconhecimento de sua importância, de sua territorialidade e pela feitura de políticas públicas específicas a esse grupo social. A invisibilidade histórica da população negra no Acre é combatida por coletivos, pesquisadores e movimentos sociais. A aplicação das Leis Federais n. 10.639/03 e n. 11.645/08 nas escolas de Tarauacá tem impulsionado a inclusão da história e cultura afro-brasileira nos currículos, com formação de professores e produção de materiais didáticos regionais. A FIA Business School (2024) destaca que municípios que implementam educação antirracista registram redução de evasão escolar e aumento do engajamento de estudantes negros. A questão fundiária permanece urgente. Embora o Acre não possua comunidades quilombolas certificadas pela Fundação Cultural Palmares até a data de publicação deste artigo, pesquisadores como Alfredo Wagner Berno de Almeida (2012)

demonstram que a territorialidade negra na Amazônia se manifesta por meio de roças familiares, associações de produtores, terreiros e espaços de memória. A luta por reconhecimento vai além do título de propriedade e é uma disputa por narrativas, por orçamento público e por representação política.

Apesar de serem a ampla maioria, os negros no Acre ainda enfrentam disparidades socioeconômicas estruturais. Dados do Atlas da Violência e do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2024) apontam que a população negra é a principal vítima de homicídios e violência letal no Brasil, e o Acre não foge à regra. Em Tarauacá, o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) geral era de 0,539 em 2010, considerado baixo, com a renda e a educação sendo os principais gargalos (IBGE, 2022). A taxa de escolarização tem melhorado (atingindo 93,6% para crianças de 6 a 14 anos em 2022), mas o rendimento médio e a inserção qualificada no mercado de trabalho ainda refletem as heranças de um passado escravocrata e excludente. Segundo o IBGE e IPEA, negros representam mais de 50% da população brasileira, a renda média negra é cerca de 50% da branca e a população negra tem a maior taxa de desemprego. Conforme a Agência Brasil (2024), 70% dos brasileiros negros já sofreram discriminação e, segundo o PoderData (2020), 81% dos brasileiros percebem racismo no país. No mercado/mundo de/do trabalho, apesar de negros representarem 56% da população brasileira, ocupam menos de 30% dos cargos de liderança. Na Amazônia, essas desigualdades são ainda mais intensas. Aduz o IBGE (PNAD Contínua 2023) que as pessoas negras no Acre ganham, em média, 40% menos que pessoas brancas, a taxa de desemprego entre negros é superior à média nacional e negros estão concentrados em ocupações informais e de baixa remuneração

Dados do Acre em Números (2024) mostram que negros têm menor escolaridade média, a evasão escolar é maior entre jovens negros e o acesso ao ensino superior ainda é limitado. As políticas de cotas, analisadas por Teles (2019), são fundamentais para reduzir essas desigualdades. Com relação à saúde, a FIA Business School (2024), com base em dados do IBGE, afirma que populações negras e indígenas têm maior dificuldade de acesso à saúde no Brasil, as doenças crônicas são mais prevalentes entre negros e a mortalidade materna é maior entre mulheres negras. Asseveram algumas pesquisas e veículos de imprensa que o Acre tem apresentado avanços notáveis na redução dessas disparidades. Em 2025, o estado conquistou a 2ª posição no Ranking dos Estados com Maior Equilíbrio Racial, conforme o Índice Folha de Equilíbrio Racial (Ifer) do Centro de Liderança Pública (CLP) (Agência de Notícia do Acre, 2025). Esse índice avalia a distância entre as populações negra e branca no acesso ao Ensino Superior Completo, na renda média e na expectativa de vida. A posição de destaque do Acre pode indicar que as políticas públicas federais, estaduais e municipais de assistência social e direitos humanos têm surtido efeito na mitigação da desigualdade estrutural. Contudo, ainda assim, os desafios permanecem.

4. RACISMO E VIOLÊNCIA CONTRA A POPULAÇÃO NEGRA NO ACRE

O racismo no Brasil é estrutural, histórico e profundamente enraizado nas instituições brasileiras, nos agrupamentos sociais, nas comunidades, nas escolas. No Acre e em Tarauacá, essa realidade se manifesta em desigualdades socioeconômicas, violência simbólica, discriminação cotidiana e ausência de políticas públicas eficazes. O racismo e os vários preconceitos sociais são um gravíssimo problema

em nosso país. Eles prejudicam pessoas, matam e humilham outras. O racismo no Acre se manifesta de forma silenciosa (invisibilidade histórica), Estrutural (desigualdade econômica) e institucional (acesso limitado a direitos)

No Acre, estudos do Observatório da Violência Racial (2024) mostram que pessoas negras são maioria entre vítimas de violência policial, jovens negros representam mais de 70% das vítimas de homicídio e mulheres negras sofrem mais violência doméstica e obstétrica. Esses dados evidenciam que o racismo não é apenas uma questão moral, mas um sistema que produz desigualdades concretas. A violência contra a população negra no Acre também se manifesta por meio de discriminação em escolas, estigmatização de jovens negros, ausência de representatividade política, falta de políticas de memória e criminalização de práticas culturais afro-brasileiras. Embora menos documentado no Acre do que em grandes centros urbanos, o racismo religioso também afeta praticantes de religiões de matriz africana. Casos de intolerância contra umbanda, candomblé e benzimentos afro-amazônicos têm sido registrados em Rio Branco, Cruzeiro do Sul, segundo reportagens do G1 (2023) e outros jornais locais.

Vejamos dois exemplos:

Figura 2: Racismo religioso no estado do Acre⁶



Tenda de umbanda do Acre denuncia pastor por intolerância religiosa e preconceito e MP investiga caso

Pastor usou um vídeo em que aparece a mãe de santo Marajoana de Xangô, da Tenda de Umbanda Luz da Vida, um padre e um pastor juntos em um culto ecumênico em janeiro de 2020 para criticar e ofender umbandistas.

Por Aline Nascimento, g1 AC — Rio Branco
22/05/2022 14h41 · Atualizado há 4 anos

Figura 3: Racismo Religioso de Pastor no Acre⁷



Pastor é condenado a pagar R\$ 12 mil para mãe de santo no AC após cometer intolerância religiosa

Pastor usou um vídeo em que aparece a mãe de santo Marajoana de Xangô, da Tenda de Umbanda Luz da Vida, um padre e um pastor juntos em um culto ecumênico em janeiro de 2020 para criticar e ofender umbandistas. A denúncia foi feita em maio do ano passado.

Por g1 AC — Rio Branco
08/08/2023 15h49 · Atualizado há 2 anos

Vejamos mais exemplos do racismo no Acre:

Figura 4: Racismo no Acre⁸

The screenshot shows a news article header with a red navigation bar containing the logo 'ACRE amazônica' and a search button 'BUSCAR'. Below the navigation bar is a banner with several logos: 'É DO ACRE BOM MAIS', 'Feito no ACRE COM ORGULHO E QUALIDADE', 'Campanha de valorização dos produtos acreanos', 'FORUM EMPRESARIAL', 'SEBRAE 35', and 'FAEAC'. The main headline reads 'Acre registrou quase 60 casos de injúria racial em 2024, aponta Anuário'. The sub-headline states: 'Em 2024, estado acreano registrou 57 casos de injúria racial. O número é 13,6% menor em relação a 2023, quando foram registrados 66 casos.' The author is 'Por Jhenyfer de Souza, g1 AC — Rio Branco' and the date is '18/11/2025 07h00 · Atualizado há 6 meses'.

Figura 5: Racismo a criança no Acre⁹

The screenshot shows a news article header with a red navigation bar containing 'MENU', 'G1', and 'ACRE REDE AMAZÔNICA'. Below the navigation bar is a sub-header with the date '23/11/2015 10h29 - Atualizado em 23/11/2015 18h38'. The main headline reads 'Menina sofre racismo em escola do AC e não quer mais ir à aula, diz tia'. The sub-headline states: 'Tia diz que escola não deu atenção ao caso e tratou como 'besteira'. Diretor diz que trata o caso com seriedade e que alunas foram ouvidas.' The author is 'Iryá Rodrigues Do G1 AC'. There are social media sharing buttons for Facebook, Twitter, Google+, and Pinterest. Below the text is a photograph of a young girl with long, dark, curly hair, seen from behind, looking towards a wall with colorful decorations. The text to the right of the photo reads: 'Uma menina, de 10 anos, perdeu a vontade de ir à escola, após supostamente sofrer ofensas racistas feitas pelas colegas de classe, em Rio Branco. Segundo a tia da criança, Cristina Caetano, ela teria sido chamada de 'preta imunda e suja' por várias vezes, e a direção da unidade teria tratado o caso como "besteira".'

Figura 6: Racismo no Futebol do Acre¹⁰



Figura 7: Caso de Racismo no Acre¹¹



Figura 8: Racismo a trabalhador no Acre¹²



Figura 9: Racismo ocorrente no Acre¹³

Figura 10: Racismo em eleição para Reitor e Vice da UFAC¹⁴

Início » Nota Pública – Racismo contra candidata na UFAC

GERAL

Nota Pública – Racismo contra candidata na UFAC

By Assessoria de Comunicação — 11 de março de 2020 — Updated: 11 de março de 2020 — Nenhum comentário — 2 Min Read

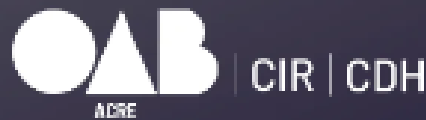
f Facebook

T Twitter

P Pinterest

Print

Nota de Repúdio



A Ordem dos Advogados do Brasil – Seccional Acre (OAB/AC), por meio das comissões de Igualdade Racial e Direitos Humanos, manifesta repúdio veemente aos ataques racistas dirigidos à professora Almecina Balbino, candidata ao cargo de vice-reitora da Universidade Federal do Acre, ocorridos durante debate entre candidaturas transmitido pelo YouTube.

Esse crime não pode ser tratado como simples divergência no ambiente acadêmico. Trata-se de manifestação racista grave, que reproduz práticas históricas de discriminação e violência, especialmente quando direcionadas a mulheres negras que ocupam espaços de liderança e participação política.

Figura 11: Racismo religioso no Acre¹⁵



Figura 12: Racismo em Comércio no Acre¹⁶



Figura 13: Racismo a jovem no Acre¹⁷

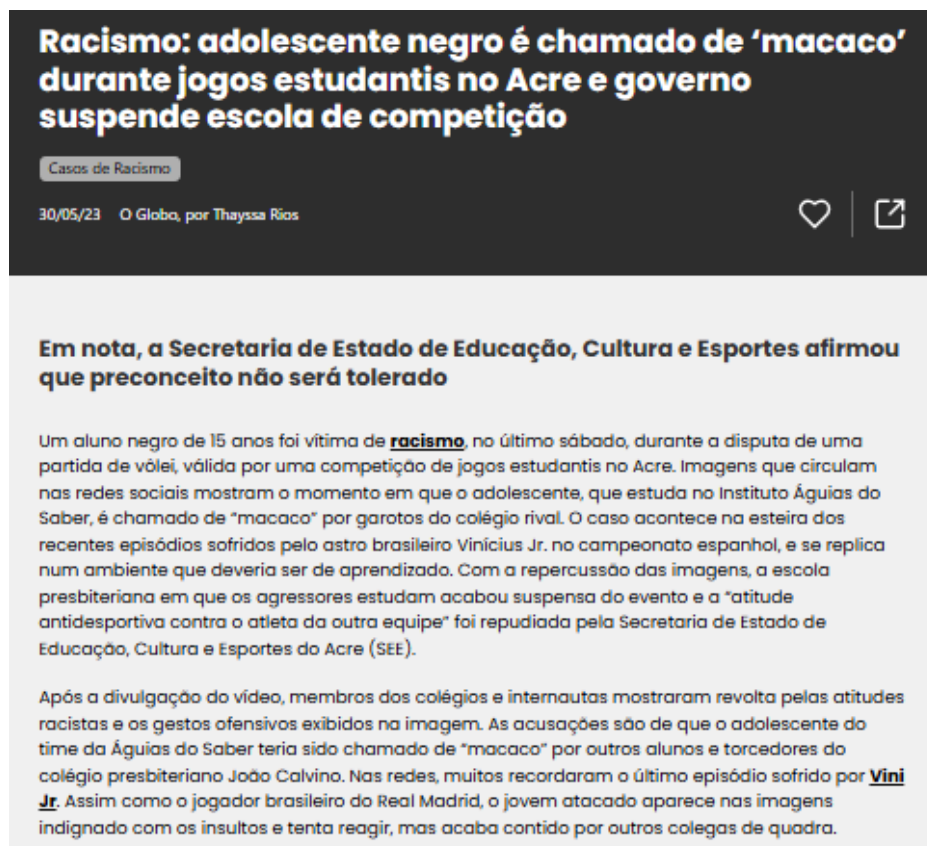
Estudante registra denúncia de injúria racial após ofensa de candidata em treinamento a vaga de emprego no AC: 'pior sensação'

Estudante fazia treinamento em empresa especializada em construção de resorts, em Rio Branco. Durante umas das dinâmicas do processo, uma candidata teria afirmado que não conseguia entrevistar rapaz porque parecia que ele iria roubá-la.

Por Aline Nascimento, g1 AC — Rio Branco

06/05/2022 22h15 · Atualizado há 4 anos

Figura 14: Racismo em escola no Acre¹⁸



Racismo: adolescente negro é chamado de 'macaco' durante jogos estudantis no Acre e governo suspende escola de competição

Casos de Racismo

30/05/23 O Globo, por Thayssa Rios

Em nota, a Secretaria de Estado de Educação, Cultura e Esportes afirmou que preconceito não será tolerado

Um aluno negro de 15 anos foi vítima de **racismo**, no último sábado, durante a disputa de uma partida de vôlei, válida por uma competição de jogos estudantis no Acre. Imagens que circulam nas redes sociais mostram o momento em que o adolescente, que estuda no Instituto Águias do Saber, é chamado de "macaco" por garotos do colégio rival. O caso acontece na esteira dos recentes episódios sofridos pelo astro brasileiro Vinícius Jr. no campeonato espanhol, e se replica num ambiente que deveria ser de aprendizado. Com a repercussão das imagens, a escola presbiteriana em que os agressores estudam acabou suspensa do evento e a "atitude antidesportiva contra o atleta da outra equipe" foi repudiada pela Secretaria de Estado de Educação, Cultura e Esportes do Acre (SEE).

Após a divulgação do vídeo, membros dos colégios e internautas mostraram revolta pelas atitudes racistas e os gestos ofensivos exibidos na imagem. As acusações são de que o adolescente do time da Águias do Saber teria sido chamado de "macaco" por outros alunos e torcedores do colégio presbiteriano João Calvino. Nas redes, muitos recordaram o último episódio sofrido por **Vini Jr.** Assim como o jogador brasileiro do Real Madrid, o jovem atacado aparece nas imagens indignado com os insultos e tenta reagir, mas acaba contido por outros colegas de quadra.

Figura 15: Racismo a Delegado de Polícia no Acre¹⁹

SOCIEDADE

Idoso é preso por racismo após se negar a ser atendido por delegado negro no Acre

O caso ocorreu dentro de uma delegacia em Rio Branco; o homem passou por audiência de custódia e teve liberdade provisória concedida

POR CARTACAPITAL

05.01.2023 20H31



Figura 16: Racismo a um atleta no Acre²⁰



Figura 17: Injúria Racial no Acre²¹



Com 74,2% casos a mais, AC tem a segunda maior alta do país em relação a ocorrências de injúria racial

Em 2021 foram registrados 54 casos de injúria racial, enquanto no ano anterior foram 31, segundo dados do Anuário da Segurança Pública. Ocorrências de racismo mais que quadruplicaram no ano passado em comparação com 2020.

Por Iryá Rodrigues, g1 AC — Rio Branco
05/07/2022 17h38 · Atualizado há 3 anos

Figura 18: Injúria Racial no Acre²²



Acre registra 31 casos de injúria racial e um homicídio contra comunidade LGBTQIA+ em 2020

Estado não detalha crimes contra população LGBTQIA+ e comunidade fala em invisibilidade. Sejussp diz que criação de especializada para crimes desse teor 'é insignificante'.

Por Iryá Rodrigues, G1 AC — Rio Branco
20/07/2021 14h38 · Atualizado há 4 anos

5. CONTRIBUIÇÕES DA POPULAÇÃO NEGRA PARA O ACRE E TARAUACÁ

A população negra desempenhou e continua desempenhando papel central na formação do Acre. Suas contribuições abrangem áreas como economia, cultura, política, religiosidade, culinária, artes e movimentos sociais. Entretanto, essas contribuições foram historicamente invisibilizadas. A população negra contribuiu(u) diretamente para a culinária regional acreana, a música e oralidade, as festividades populares e algumas práticas religiosas. Essas contribuições são estruturantes da “identidade acreana”, que não é fixa, estanque ou singular, mas a soma de vários jeitos de ser, fazer, viver e aprender, de inúmeros grupos sociais. Mesmo assim, são entronados ao grau de maior valor e relevância apenas as contribuições dos colonizadores brancos e seus descendentes, bem como das atuais elites que comandam o estado do Acre.

Há no Acre um racismo persistente. O povo negro tem baixa representatividade política, vivem em desigualdade econômica em relação aos brancos e vigora a falta de políticas raciais específicas locais. No fundo se sabe que a população negra do Acre estruturou a economia regional, construiu identidades culturais e sustenta redes sociais e comunitárias, mas faz-se a escolha de não enxergar ou valorizar isso. Não se fala dos negros do Acre nas escolas do Acre. Tal valorização é essencial para haver uma justiça social. Durante os ciclos da borracha, trabalhadores negros foram fundamentais para a abertura de estradas de seringa, a produção de borracha, o transporte fluvial, a agricultura de subsistência e a construção de povoados

Em Tarauacá, famílias negras ajudaram a fundar comunidades ribeirinhas e seringais que deram origem ao município. Hoje, a população negra atua em agricultura familiar, em vendas no comércio, prestando serviços, nos cargos de apoio na educação, nos cargos de suporte na saúde, na produção e venda de artesanato, nos serviços de transporte, entre outras áreas. A maioria dos picolezeiros, dos roçadores de quintais, dos garis/margaridas, dos pedreiros, encanadores, dos peixeiros, dos açougueiros, dos moto--táxis, dos eletricitas, dos mantenedores de ares-condicionados, dos carregadores de cargas e outras profissões consideradas “simples”, no Acre e em Tarauacá são pessoas negras. Isso é fruto de um processo histórico de subjugação, exploração, humilhação e racismo em face dos antepassados destes. A população negra permanece concentrada em ocupações de menor remuneração devido ao racismo estrutural.

A cultura afro-acreana é rica e diversa. Entre suas contribuições no Acre e em Tarauacá estão a música e a dança, os batuques, os cantos tradicionais, as influências nordestinas e afro-brasileiras na culinária, com pratos à base de mandioca, uso de ervas medicinais, técnicas de defumação e conservação; nas tradições orais, com histórias de encantados, narrativas de resistência, nas memórias dos seringais; no artesanato, com trançados, cestarias e objetos de madeira. Há contribuições políticas e sociais tendo em vista que a população negra do Acre tem atuado em movimentos de direitos humanos, sindicatos, associações comunitárias, coletivos culturais e universidades locais, inclusive no Instituto Federal do Acre - IFAC. A luta por políticas de cotas, analisada por Teles (2017, 2019), é um marco importante para a democratização do ensino superior no estado. A população sempre lutou pelo “bônus regional”, um adicional de pontos no ingresso na Universidade Federal do Acre

(UFAC) para quem fez o ensino médio no Acre, em escolas públicas. Isso beneficiava diretamente a população negra.

A resistência da população negra no Acre se manifesta fortemente por meio da cultura e da religiosidade. As comunidades de terreiro (Candomblé e Umbanda) lutam contra o racismo religioso e promovem eventos de grande importância, como o cortejo de Iemanjá e o Samba de Mariá (Folha do Acre, 2025), que utilizam instrumentos típicos como tambor, atabaque, agogô e xequerê. O Dia da Consciência Negra (20 de novembro) tornou-se uma data central no calendário estadual, com amplas programações que celebram Zumbi dos Palmares e a herança africana, muitas vezes conectando essa luta com a defesa da floresta, numa aliança simbólica entre Zumbi e Chico Mendes (ISA, 2006). A cultura negra no Acre é marcada pela fusão entre tradições africanas, influências indígenas, elementos nordestinos e práticas amazônicas. Essa mistura criou uma espécie de “identidade afro-amazônica única”, que não é fixa, estanque ou singular, mas o conjunto de vários jeitos de ser, fazer, viver e aprender, de inúmeros grupos sociais negros. A culinária negra influenciou profundamente a gastronomia do Acre, com pratos como mingau de banana, peixe assado na folha, beiju, caldos de caça, pratos com tucupi e pimenta. Essas receitas combinam técnicas africanas, indígenas e amazônicas. A religiosidade afro-acreana inclui umbanda, candomblé, benzimentos, rezas tradicionais, sincretismos com catolicismo popular. Apesar da intolerância, essas práticas resistem e se fortalecem. A memória negra no Acre é preservada por meio de histórias orais, celebrações comunitárias, práticas de cura e tradições familiares. A ausência de políticas de memória, porém, dificulta o reconhecimento público dessas histórias.

6. DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS DA POPULAÇÃO NEGRA NO ACRE E EM TARAUCÁ

A cultura negra em Tarauacá e no Acre é pulsante, ainda que pouco documentada. Manifestações como o congado, o marabaixo adaptado, as rodas de capoeira, os terreiros de matriz africana e as festas de santos populares carregam sincretismos que narram séculos de sobrevivência. A culinária local, com o uso de dendê, peixes defumados, farinhas temperadas e doces de panela, é herança direta de saberes africanos reelaborados na floresta. A música e a literatura negras acreanas ganham espaço em festivais, saraus e redes sociais. Coletivos como o Coletivo Negro Acreano e o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI) da UFAC promovem debates, publicações e ações afirmativas. A religião de matriz africana, antes perseguida, hoje é reconhecida como patrimônio imaterial e espaço de acolhimento e organização comunitária. Os NEABis de cada Campus do IFAC também são muito atuantes.

Malgrado isso, ainda existem muitos desafios contemporâneos e caminhos para a equidade racial. Equidade não, igualdade mesmo. Só há uma raça: a humana! O racismo estrutural no Acre se manifesta no acesso desigual à saúde, na violência policial, na sub-representação política e na naturalização da pobreza negra. A ADUNESP (2025), com base em dados do IBGE, reitera que a renda da população negra equivale à metade da branca, um abismo que só será fechado com políticas redistributivas, cotas raciais em concursos e empregos, e investimento em empreendedorismo negro. A educação antirracista é ferramenta de transformação. Como afirma Teles (2017), o ato educativo é um requisito indispensável à cidadania. Escolas em Tarauacá que adotam práticas

pedagógicas decoloniais relatam melhora no clima escolar e no rendimento de estudantes negros. A mídia local também precisa ampliar a cobertura sobre liderança negra, empreendedorismo cultural e inovações sociais.

Apesar das contribuições históricas, culturais e econômicas da população negra para o Acre, persistem desigualdades profundas que revelam a permanência do racismo estrutural. Esses desafios se manifestam em múltiplas dimensões: renda, educação, saúde, violência, representatividade política e acesso a direitos. O racismo e os vários preconceitos sociais são um gravíssimo problema em nosso país. Eles prejudicam pessoas, matam e humilham outras. Essa constatação é especialmente verdadeira no Acre, onde a população negra constitui a maioria, mas permanece sub-representada e vulnerabilizada. Segundo o IBGE (PNAD Contínua 2023), pessoas negras no Acre ganham 40% menos que pessoas brancas, a taxa de informalidade entre negros ultrapassa 60% e negros são maioria entre trabalhadores sem carteira assinada. Essa desigualdade é resultado de séculos de exclusão, ausência de políticas de reparação e racismo institucional.

O Acre em Números (2024) mostra que jovens negros têm maior taxa de evasão escolar; a escolaridade média da população negra é inferior à média estadual; e o acesso ao ensino superior ainda é limitado, apesar das políticas de cotas. Teles (2017, 2019) destaca que as políticas afirmativas são essenciais para corrigir desigualdades históricas e democratizar o ensino superior brasileiro. A FIA Business School (2024), com base em dados do IBGE, afirma que as populações negras têm maior dificuldade de acesso a serviços de saúde; doenças crônicas são mais prevalentes entre negros; mulheres negras enfrentam maior risco de mortalidade materna; e a

expectativa de vida da população negra é menor. Em Tarauacá, a situação é agravada pela distância geográfica, pela falta de infraestrutura e pela precariedade dos serviços de saúde. Relatórios do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2024) mostram que jovens negros são as principais vítimas de homicídio no Acre, negros são mais abordados pela polícia e a violência doméstica atinge desproporcionalmente mulheres negras. Esses dados confirmam que o racismo opera como um mecanismo de produção de morte, o que Achille Mbembe denomina necropolítica. Apesar de serem maioria da população, no Acre negros são minoria na Assembleia Legislativa do Acre; nas câmaras municipais; em cargos de liderança no governo; e em posições de destaque no setor privado. O Instituto Ethos (2025) afirma que, no Brasil negros ocupam menos de 30% dos cargos de liderança, mesmo representando 56% da população. Essa sub-representação também se reflete no Acre e em Tarauacá.

Disso tudo exsurge a importância da educação antirracista. Os educadores amazônicos precisam exercitar uma didática antirracista. A educação antirracista é poderosa sem igual medida e pode mudar o mundo. A educação antirracista é fundamental para combater estereótipos, valorizar a história afro-brasileira, promover igualdade racial, formar cidadãos críticos e romper com o mito da democracia racial. A Lei Federal n. 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira, é um marco essencial, mas sua implementação no Acre ainda é limitada. Para enfrentar desigualdades raciais, são necessárias políticas públicas estruturantes, como cotas raciais no ensino superior e concursos públicos, programas de incentivo ao empreendedorismo negro, políticas de saúde específicas para a população negra, fortalecimento de coletivos e movimentos negros e ações de combate ao racismo institucional. Teles (2019) destaca que políticas

de equidade são essenciais para corrigir injustiças históricas e promover justiça social.

Nesse contexto, a prática pedagógica na Amazônia acreana deve ir além da mera transmissão de conteúdos, exigindo o que Teles (2017) denomina como uma "decolonialização da mente docente". Isso implica reconhecer que o silenciamento das identidades negras na região não é um acaso, mas um produto do racismo institucional que invisibiliza as populações quilombolas e urbanas do Norte. Portanto, a efetivação das leis de diretrizes educacionais e das políticas de ação afirmativa depende de uma postura ética e política dos educadores, capazes de questionar o currículo eurocêntrico e de transformar a sala de aula em um espaço de retomada de territórios simbólicos. Somente através dessa educação comprometida com a ancestralidade e com a desconstrução do mito da democracia racial será possível converter os indicadores de desigualdade em narrativas de emancipação e protagonismo para a juventude negra do Acre.

A Lei Federal n. 7.716/1989 criminaliza o racismo no Brasil. A Constituição de 1988 garante igualdade racial. A ONU reconhece o racismo como violação de direitos humanos. No entanto, a efetividade dessas normas depende de fiscalização, formação de agentes públicos, campanhas educativas, participação social e fortalecimento de instituições de defesa de direitos. A ausência de políticas de memória no Acre contribui para o apagamento da história negra. É necessário criar museus e centros de memória afro-acreana, registrar histórias orais, valorizar lideranças negras locais, promover eventos culturais e incluir a história negra nos currículos escolares do Acre, em seus 22 municípios. A memória é um instrumento de resistência.

Muita coisa tem sido feita. Vejamos exemplos:

Figura 19: Atuação estadual no combate ao racismo²³



Figura 20: Políticas raciais de inclusão do TJAC²⁴



Figura 21: Políticas raciais no Acre²⁵

Acre é o primeiro estado com observatório de discriminação racial permanente

Da Redação 12 maio 2017 17:10

Figura 22: Polícia do Acre e o Racismo²⁶

Polícia Civil do Acre normatiza enfrentamento ao racismo

Da Redação 06 nov 2015 10:02

A publicação foi feita novembro, mês em que se comemora o Dia da Consciência Negra (Foto: Sérgio Vale/Arquivo Secom)

A Secretaria de Estado da Polícia Civil (SEPC) publicou portaria que estabelece, no âmbito da Polícia Judiciária, normas voltadas à política de promoção da igualdade racial, prevenção e repressão ao preconceito de cor ou de raça.

A medida foi regulamentada em âmbito estadual, nos termos da portaria nº 1222, publicada nesta semana no Diário Oficial do Estado (DOE).

Figura 23: Estado do Acre e o combate ao racismo²⁷

Educação

Governo do Acre intensifica ações contra discriminação racial

Fernando Santos
03/07/2024 às 12:24

O governo do Acre está promovendo uma série de iniciativas no combate à discriminação racial, em consonância com o Dia Nacional de Combate à Discriminação Racial, celebrado em 3 de julho, data que marca a aprovação da Lei nº 1.390, de 1951, a primeira legislação brasileira contra o racismo.

No estado, a lei que institui campanha permanente de combate ao racismo em escolas e cria o selo Acre pela Promoção da Igualdade Racial, em eventos esportivos e culturais e ações transversais, com parceiros e secretarias, são algumas iniciativas implementadas pelo governo para combater o preconceito e intolerância.

A Secretaria de Assistência Social e Direitos Humanos (SEASDH) lidera essas iniciativas com políticas públicas e atividades para promover a igualdade racial.



Figura 24: Reparação a racismo escolar no Acre²⁸



INSTITUCIONAL ▾ ADMINISTRAÇÃO ▾ CONSULTAS ▾ PUBLICAÇÕES ▾ SERVIÇOS

🏠 Início > Destaques > Galeria > Geral > Notícias > Aluno acreano que sofreu bullying por sua raça e cor de

Aluno acreano que sofreu bullying por sua raça e cor deve ser indenizado

📅 11.07.2025 | 📄 Destaques, Galeria, Geral, Notícias | 🗳️ 2ª Câmara Cível, Equidade racial

Caso ocorreu dentro e fora de sala, tanto em meio virtual, quanto presencial, sem que fossem tomadas medidas efetivas para cessar a violência e situação vexatória

A 2ª Câmara Cível do Tribunal de Justiça do Acre (TJAC) decidiu, à unanimidade, julgar procedente o pedido de indenização por danos morais, portanto o Estado do Acre foi condenado por omissão estatal ao não coibir práticas reiteradas de *bullying* e injúrias raciais ocorridas em uma escola pública de Rio Branco.

Na apelação, o ente público requereu que o pedido fosse julgado improcedente. No entanto, a relatora do processo, desembargadora Waldirene Cordeiro, assinalou que foi comprovada a omissão estatal, pois, mesmo após comunicação à direção escolar e aos órgãos competentes, não foram adotadas providências concretas para cessar as agressões sofridas pelo aluno, levando, inclusive, à sua transferência para outra instituição de ensino.

De acordo com as informações do processo, a comprovação se deu a partir do relatório do Conselho Tutelar e Boletim de Ocorrência, o que foi suficiente para constatar a ciência da Administração Pública e a falta de segurança no ambiente escolar.

Os autores do presente texto elaboraram um pequeno *Site* com um resumo do que foi exposto no artigo, a fim de divulgar a história e a importância dos negros do Acre e de Tarauacá. Veja-se:

Figura 25: Site sobre os Povos Indígenas e Negros do Acre
<https://acrepovos-umq9zen5.manus.space/>



Apesar desses avanços exemplificados, o cenário no Acre revela que ainda há um longo percurso para que a igualdade racial saia do papel e se torne uma realidade institucional. É imperativo que o Estado desenvolva políticas públicas transversais que alcancem não apenas as capitais, mas os municípios mais isolados, onde a invisibilidade do racismo estrutural é ainda mais acentuada. Isso demanda desde a criação de protocolos específicos de atendimento à saúde da população negra até o investimento em delegacias especializadas e mecanismos de denúncia acessíveis. Além disso, a implementação de editais de fomento à cultura que privilegiem a produção artística afro-acreana e o fortalecimento de conselhos de promoção da igualdade racial são passos urgentes. Sem um orçamento público robusto e um planejamento que considere as particularidades regionais, o combate ao racismo corre o risco de permanecer apenas no campo do discurso, sem alterar as estruturas de privilégio que ainda definem o acesso a direitos básicos na Amazônia.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história da população negra em Tarauacá e no Acre é uma história de resistência invisibilizada. Torná-la visível é um ato político, acadêmico e ético. A população negra do Acre e de Tarauacá desempenhou papel fundamental na formação histórica, econômica e cultural da região. Desde os ciclos da borracha até os dias atuais, homens e mulheres negras contribuíram para a construção da sociedade acreana, apesar da violência, da exploração e do racismo estrutural. A população negra do Acre e de Tarauacá não é coadjuvante na história amazônica. É protagonista silenciada que, dia após dia, reinscreve sua presença na paisagem social, econômica e cultural do estado. Reconhecer essa história é ato de justiça, é desmontar o mito da democracia racial, é garantir que políticas públicas não tratem a maioria como minoria. Este artigo reafirma que a luta antirracista é também luta pela memória, pela terra, pela educação e pelo direito à felicidade. Como bem sintetiza Lélia Gonzalez, a resistência negra é criativa, política e indomável. Valorizá-la é honrar a própria humanidade.

A população negra do Acre e de Tarauacá é a espinha dorsal do estado. Desde os primeiros exploradores como Manoel Urbano, passando pelos seringueiros anônimos, até os jovens que hoje ingressam nas universidades e reivindicam sua negritude, a história do Acre é intrinsecamente negra. O aumento expressivo na autodeclaração preta no Censo 2022 é um sinal de que o "silêncio fundador" (Silva; Silva, 2025) foi finalmente rompido. Resta agora ao Estado e à sociedade civil continuarem trabalhando para que o equilíbrio racial celebrado em rankings se traduza em igualdade plena de oportunidades, renda e dignidade para todos os acreanos. Hoje, a população negra continua enfrentando desafios profundos,

como desigualdade de renda, violência, discriminação, falta de representatividade e invisibilidade histórica. No entanto, também protagoniza movimentos de resistência, afirmação identitária e luta por direitos. A construção de um Acre mais justo e igualitário exige políticas públicas eficazes, educação antirracista, valorização da cultura afro-brasileira, combate ao racismo institucional, fortalecimento de movimentos sociais e reconhecimento da importância histórica da população negra.

A luta antirracista no Acre envolve movimentos sociais, coletivos de juventude negra, atuação de pesquisadores negros, de professores negros, de artistas e de lideranças comunitárias. Como dissemos, a Lei Federal n. 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira, é um marco essencial, mas sua implementação ainda é insuficiente nas escolas acreanas. A história negra do Acre e de Tarauacá não é apenas parte do passado. É força viva que molda o presente e aponta caminhos para o futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AC24HORAS. **Em artigo, professor reconstitui 100 anos de história de Tarauacá.** 18 abr. 2013. Disponível em: <https://ac24horas.com/2013/04/18/em-artigo-professor-reconstitui-100-de-historia-de-tarauaca/>. Acesso em: 24 maio 2026.

ADUNESP. **Racismo e desigualdade traduzidos em números: rendimento da população negra é metade da branca.** 2025. Disponível em: <https://adunesp.org.br/noticias/racismo-e-desigualdade-traduzidos-em-numeros-rendimento-da-populacao-negra-e-metade-da-branca>. Acesso em: 24 maio 2026.

AGÊNCIA BRASIL. **Preconceito e discriminação atingem 70% dos negros, aponta pesquisa.** 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2024-11/preconceito-e-discriminacao-atingem-70-dos-negros-aponta-pesquisa>. Acesso em: 24 maio 2026.

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DO ACRE. **Acre ocupa 2ª posição nacional no ranking dos estados com maior equilíbrio racial.** nov. 2025. Disponível em: <https://agencia.ac.gov.br/acre-ocupa-2a-posicao-nacional-no-ranking-dos-estados-com-maior-equilibrio-racial/>. Acesso em: 24 maio 2026.

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DO ACRE. **Acre registra aumento de 67,1% de pessoas que se declaram pretas.** jan. 2024. Disponível em: <https://agencia.ac.gov.br/acre-registra-aumento-de-671-de-pessoas-que-se-declaram-pretas/>. Acesso em: 24 maio 2026.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Territórios Negros:** disputas, conflitos e identidades. São Paulo: Annablume, 2012.

BRASIL. **Constituição Federal do Brasil de 1988.** Brasília: Congresso Nacional, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 24 maio 2026.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 24 maio 2026.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008.** Altera a Lei nº 9.394/1996, modificada pela Lei nº 10.639/2003. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 24 maio 2026.

FIA BUSINESS SCHOOL. **Desigualdade racial no Brasil:** origem, consequências e cenário atual. 2024. Disponível em: <https://fia.com.br/blog/desigualdade-racial/>. Acesso em: 24 maio 2026.

FOLHA DO ACRE. **Samba de Mariá:** ancestralidade, resistência e festa em Rio Branco. ago. 2025. Disponível em: <https://folhadoacre.com.br/2025/08/samba-de-maria-ancestralidade-resistencia-e-festa-em-rio-branco/>. Acesso em: 24 maio 2026.

G1 ACRE. Censo 2022: **Mais de 66% da população do Acre se autodeclara parda.** 22 dez. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2023/12/22/censo-2022-cor-ou-raca-acre.ghtml>. Acesso em: 24 maio 2026.

GOMES, Flávio dos Santos. **A Hidra e os Pântanos:** quilombos e mocambos no Brasil (séc. XVII e XIX). 1997. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, SP, 1997.

GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural de amefricanidade.** Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2022:** Características Gerais da População - Relato de Resultados. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/>. Acesso em: 24 maio 2026.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Panorama - Tarauacá (AC). Censo Demográfico 2022.** Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ac/tarauaca/panorama>. Acesso em: 24 maio 2026.

INSTITUTO ETHOS. **Diversidade nas Lideranças Corporativas no Brasil.** 2025. Disponível em: <https://www.ethos.org.br/estudo-do-instituto-ethos-mostra-que-pessoas-negras-ainda-sao-minorias-em-cargos-de-alto-escala-das-empresas-e-tem-salarios-menores/>. Acesso em: 24 maio 2026.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). **Culturas afro-descendentes mostram sua força no Acre e organizam ampla programação para o Dia da Consciência Negra.** Acervo ISA 2006. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/noticias/culturas-afro-descendentes-mostram-sua-forca-no-acre-e-organizam-ampla-programacao>. Acesso em: 24 maio 2026.

IPEA - INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Desigualdade Racial no Brasil: Diagnóstico e Perspectivas.** 2024. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=38112. Acesso em: 24 maio 2026.

IPEA - INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Atlas da Violência 2024.** Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/4600-atlasviolencia2024.pdf>. Acesso em: 24 maio 2026.

JORNAL GGN. **Tarauacá, cidade acreana e seus mais de 100 anos.** set. 2014. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/noticia/tarauaca->

[cidade-acreana-e-seus-mais-de-100-anos/](#). Acesso em: 24 maio 2026.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis: Vozes, 2004.

PODER360. **81% veem racismo no Brasil, mas só 34% admitem preconceito contra negros**. 2020. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/81-ve-racismo-no-brasil-mas-so-34-admitem-preconceito-contra-negros/>. Acesso em: 24 maio 2026.

SALLES, Vicente. **O negro no Pará: sob o regime da escravidão**. 3. ed. rev. ampl. Belém: IAP; Programa Raízes, 2005. (Publicado originalmente em 1971).

SALLES, Vicente. **Os Mocambeiros e outros ensaios**. Belém: Editora IAP, 2013.

SEPLAN-AC - SECRETARIA DE ESTADO DE PLANEJAMENTO DO ACRE. **Acre em Números 2024: Indicadores Sociais e Demográficos**. Disponível em: <https://www.seplan.ac.gov.br/acre-em-numeros/>. Acesso em: 24 maio 2026.

SILVA, Ângela Maria Bastos de Albuquerque; SILVA, Jorge Fernandes da. Negros e negras na Amazônia acreana: do silêncio fundador às temáticas de pesquisas. **Muiraquitã: Revista de Letras e Humanidades**, v. 13, n. 1, 2025. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/mui/article/view/7628>. Acesso em: 24 maio 2026.

TELES, Tayson Ribeiro. **Política de cotas da educação brasileira: o estado erigindo equidade**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2019.

TELES, Tayson Ribeiro. Mudar o discurso: por uma decolonialização da mente docente na Amazônia. **Revista de Educação, Ciência e Cultura**, v. 22, n. 2, 2017. Disponível em: <https://seer.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao>. Acesso em: 24 maio 2026.

UFBA - UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Pesquisadores da UFBA publicam livro sobre fundador do Santo Daime**. nov. 2011. Disponível em: https://ufba.br/ufba_em_pauta/pesquisadores-da-ufba-publicam-livro-sobre-fundador-do-santo-daime. Acesso em: 24 maio 2026.

Artigo escrito no âmbito do **Projeto de Pesquisa** “DIVERSIDADE NA AMAZÔNIA SUL-OCIDENTAL BRASILEIRA-ACREANA: A HISTÓRIA E O CONTEXTO ATUAL DOS POVOS INDÍGENAS E DA POPULAÇÃO NEGRA DE/EM TARAUCÁ-ACRE”, institucionalizado no IFAC, por meio do Processo SEI 23843.001536/2025-92.

¹ Doutor em Letras/Educação pela UFAC. Professor EBTT de Economia no Instituto Federal do Acre -IFAC. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3272508883742018>

² Especialista em Psicopedagogia. Pedagoga. Pesquisadora do Grupo NUPEGEN-Acre do IFAC. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0697432850689539>

³ Acadêmico do Curso Superior de Tecnologia em Gestão do Agronegócio do IFAC/Campus Tarauacá. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5624753950327879>

⁴ Técnico em Administração formado pelo IFAC (2025). Lattes:
<http://lattes.cnpq.br/0027231605211905>

⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2013/11/no-acre-mais-de-70-da-populacao-se-reconhece-como-negra.html>. Acesso em: 24 de maio de 2026.

⁶ Disponível em:
<https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2022/05/22/tenda-de-umbanda-do-acre-denuncia-pastor-por-intolerancia-religiosa-e-preconceito-e-mp-investiga-caso.ghtml>. Acesso em: 24 maio de 2026.

⁷ Disponível em:
<https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2023/08/08/pastor-e-condenado-a-pagar-r-12-mil-para-mae-de-santo-no-ac-apos-cometer-intolerancia-religiosa.ghtml>. Acesso em: 24 maio de 2026.

⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2025/11/18/acre-registrou-quase-60-casos-de-injuria-racial-em-2024-aponta-anuario-brasileiro.ghtml>. E em:
<https://ge.globo.com/ac/futebol/campeonato-acreano/noticia/2025/06/19/mpac-instaura-processo-criminal-para-investigar-caso-de-racismo-no-acreano-sub-20-ffac-se-posiciona.ghtml>. Acesso em: 24 maio de 2026.

⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2015/11/menina-sofre-racismo-em-escola-do-ac-e-nao-quer-mais-ir-aula-diz-tia.html>. Acesso em: 24 maio de 2026.

¹⁰ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/13695250/>. Acesso em: 24 maio de 2026.

¹¹ Disponível em: <https://www.tjac.jus.br/2026/04/mulher-que-fez-comentarios-racistas-e-homofobicos-e-condenada-pela-justica-do-acre/>. Acesso em: 24 maio de 2026.

¹² Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11351064/>. E em: <https://ac24horas.com/2023/02/07/no-acre-trabalhador-e-vitima-de-racismo-e-filma-mulher-em-ataque-de-furia-preto-macaco/>. Acesso em: 24 maio de 2026.

¹³ Disponível em: <https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2023/07/20/acre-tem-aumento-de-quase-50percent-nos-casos-de-racismo-e-registra-dois-casos-de-lgbtfobia-em-2022.ghtml>. Acesso em: 24 maio de 2026.

¹⁴ Disponível em: <https://oabac.org.br/nota-publica-racismo-contracandidata-na-ufac/>. Acesso em: 24 maio de 2026.

¹⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DXnDdxqnywQ/>. Acesso em: 24 maio de 2026.

¹⁶ Disponível em: <https://www.mpac.mp.br/mpac-investiga-possivel-caso-de-racismo-em-rede-de-supermercado-de-rio-branco/>. Acesso em: 24 maio de 2026.

¹⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2022/05/06/estudante-registra-denuncia-de-injuria-racial-apos-ofensa-de-candidata-em-treinamento-a-vaga-de-emprego-no-ac-pior-sensacao.ghtml>. Acesso em: 24 maio de 2026.

¹⁸ Disponível em: <https://www.geledes.org.br/racismo-adolescente-negro-e-chamado-de-macaco-durante-jogos-estudantis-no-acre-e-governo-suspende-escola-de-competicao/>. Acesso em: 24 maio de 2026.

¹⁹ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/idoso-e-presos-por-racismo-apos-se-negar-a-ser-atendido-por-delegado-negro-no-acre/>. Acesso em: 24 maio de 2026.

²⁰ Disponível em: <https://agazetadoacre.com/2026/02/noticias/geral/urubu-do-diabo-familia-de-atleta-aciona-mp-apos-ataques-racistas-em-campeonato-de-jiu-jitsu/>. Acesso em: 24 maio de 2026.

²¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2022/07/05/com-742percent-casos-a-mais-ac-tem-a-segunda-maior-alta-do-pais-em-relacao-a-ocorrencias-de-injuria-racial.ghtml>. Acesso em: 24 maio de 2026.

²² Disponível em: <https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2021/07/20/acre-registra-31-casos-de-injuria-racial-e-um-homicidio-contra-comunidade-lgbtqia-em-2020.ghtml>. Acesso em: 24 maio de 2026.

²³ Disponível em: <https://agencia.ac.gov.br/governo-do-acre-promove-encontro-de-letramento-e-desconstrucao-do-racismo-para-servidores-da-assistencia-social/>. Acesso em: 24 maio de 2026.

²⁴ Disponível em: <https://www.tjac.jus.br/2025/07/tjac-avanca-na-equidade-racial-com-acao-afirmativa-para-beneficiar-servidoras-e-servidores-negros/>. Acesso em: 24 maio de 2026.

²⁵ Disponível em: <https://agencia.ac.gov.br/acre-e-o-primeiro-estado-com-observatorio-de-discriminacao-racial-permanente/>. Acesso em: 24 maio de 2026.

²⁶ Disponível em: <https://agencia.ac.gov.br/policia-civil-do-acre-normaliza-enfrentamento-ao-racismo/>. Acesso em: 24 maio de 2026.

²⁷ Disponível em: <https://www.casacivil.ac.gov.br/portal/noticias/categoria/noticias/12628>. Acesso em: 24 maio de 2026.

²⁸ Disponível em: <https://www.tjac.jus.br/2025/07/aluno-acreano-que-sofreu-bullying-por-sua-raca-e-cor-deve-ser-indenizado/>. Acesso em: 24 maio de 2026.